

Espaços e tempos em Geografia. Homenagem a António Gama¹. Apresentação da obra

Julio Villar Castro

Facultat de Geografia e Història. Universidad de Salamanca

vilcas@usal.es

ORCID: 0000-0001-5974-837X

Muito boa tarde a todos.

Sinto-me muito honrado pelo vosso convite para estar presente neste ato em que vamos apresentar o conjunto de artigos que foram feitos por tantos profissionais e amigos conhecidos do professor António Gama [breve silêncio emocionado do orador]. Num ataque de ousadia vou tentar fazer a minha intervenção em português para ficar mais perto de vocês e também em honra do António que me transmitiu o gosto não só pela língua mas também pelo país, um país que hoje conheço quase na sua totalidade (ilhas incluídas) porque me enamorei dele. No entanto, peço desculpas pelos erros que sem dúvida cometei mas que vocês, sei, sabem perdoar.

Estão comigo outras pessoas, acredito, muito mais preparadas do que eu para falar de modo sentido sobre o António. Por isso assumirei um discurso mais informal baseado sobretudo nos oito artigos que iniciam o livro, na verdade aqueles que são mais pessoais, onde, por vezes, como o fazem vários dos autores abaixo referidos, manterei uma posição de interlocução com o António.

Antes de começar quero dizer que, para mim, há duas palavras cujo som é tão geográfico que para sempre, na minha memória, estarão ligadas à pessoa do António; são Coimbra e Mondego. Na primeira, a subida de uma encosta, com significativo declive, leva à meseta da cidade velha, onde domina a universidade; no segundo caso, as três sílabas tão iguais lembram as ondinhas do tranquilo rio.

E agora sim, fixemos a atenção no livro. Mãe de Deus! Um bocadinho mais de oitocentas páginas para 43 artigos, a maioria de geógrafos, mas não só, assinalam sem dúvida um vasto reconhecimento.

No início, o artigo de Jorge Carvalho apresenta-se muito bonito e emotivo. Apresenta as desventuras dos alunos de geografia, no liceu D. João III, de Coimbra, com o exigente Dr. Faustino, que por ocasião da entrega e correção de exercícios escritos não deixou de repreender o António, (tido como bom aluno pelos colegas), deixando nos outros o pensamento de que “se é assim com o Gama, o que será quando chegar a minha vez”.

José Reis refere a biblioteca como território da felicidade do Gama (com licença para a Maria).

Uma imagem tão presente e tão bem expressa na capa do livro aqui apresentado que não são precisas mais palavras. Só gostaria de perguntar ao António o que é que ele pensa do futuro das bibliotecas desde que existem os e-livros? Como é que ele tomará as notinhas nas margens?

Do artigo de Rui Jacinto (na mesma linha de outro, em conjunto com Fernanda Cravidão, Lúcio Cunha, António Campar e Norberto Santos, presente na Revista Finisterra, de 2015) desejo salientar o perfil do Gama: “geógrafo irreverente, heterodoxo, inconformado, agitador de consciências, procurador de novos rumos... (para a) abertura das fronteiras disciplinares”. Enfim, acho eu que também um bocadinho anarquista. Por outro lado, importa afirmar o reconhecimento do transcendental papel que o Gama teve na viragem da Geografia, tanto em Portugal como em Coimbra.

De Maria Adélia de Souza (fugaz contacto no ano de 2015), extraio a engraçada história da conflituosa perceção de geógrafos acostumados a análises de escalas tão contrastadas como o gigantesco Brasil e o pequeno Portugal, conflito que entrou, atualmente, em via de resolução a partir de uma minúscula rosa feita pelas talentosas mãos do António com miolo de pão; uma afeição que todos bem conhecíamos. Também gostaria de sublinhar o interesse expresso pela Nova Geografia de Milton Santos e a sua proposta de olhar o território enquanto percebido pelo usuário.

A propósito do artigo sobre a Geografia Física sistémica, do professor George Bertrand, na interpretação de Messias Modesto dos Passos, salientaria a ideia da compreensão da paisagem não só como totalidade mas também desde a perspetiva da sua dinâmica temporal. Gostaria de poder comentar com Gama este retomado interesse pela paisagem como genuíno produto geográfico, síntese no presente da interação do homem com o meio natural ao longo da história, de alguma forma uma volta à geografia anterior à especialização.

A contribuição do economista Júlio Marques no artigo/história (?) Problemas de ontem e de hoje..., vem lembrarnos o gosto pela geopolítica e além disso pela geografia social e mesmo pelo papel, cada vez mais secundário, do poder político, referindo a

¹ A intervenção foi feita improvisadamente, apenas baseada numas notas de apoio. O presente texto é pois, uma reconstrução à posteriori e procura ser um fiel relato do acontecido.

aplicação dos cortes na despesa pública e a presença dos impostos e a crise, com a universidade e os demais a permanecerem calados. O poder está tão afastado da realidade que oferece a um carpinteiro de 55 anos que perdeu seu emprego, em Faro,... aulas de alemão!

E para finalizar, vou fazer de gafanhoto tomando terra em apenas mais três ocasiões. A escolha tem que ver com o meu interesse pela cidade... e pelo vinho (sou de terras do Douro Médio, em Espanha).

O artigo de João Ferrão sobre Antropoceno, cidades e geografia, ao fixar a atenção no enorme poder transformador que o homem tem hoje sobre o meio natural, de alguma maneira leva à atual perspectiva/preocupação ecológica de ligação à visão fundacional da Geografia. A Nova Geografia levou a que a Geografia Física e a Humana se afastassem cada vez mais. Terá chegado o momento de confluírem? Pois sim, a cidade é o espaço onde mais se manifesta a necessidade de reconciliação com a natureza.

Com referência à ...Baixa de Coimbra de Mário Gonçalves, destaca-se o inacabável conflito entre a trama medieval e as necessidades da modernidade. Pergunto: a resistência é tão grande que, como aconteceu em Lisboa, temos de esperar as incontornáveis forças da natureza?

Finalmente, o texto de Norberto Santos sobre Gastronomia e vinho desde uma perspectiva de recurso turístico oferecido a uma procura cada vez mais diversificada. “O produto turístico G&V consegue, de facto, fazer “mexer” todos os sentidos da pessoa”. Concordo totalmente porque eu gosto do vinho, mas sobretudo gosto tomá-lo com os amigos. Vamos tomar um copo, disseme muitas vezes o António para continuar a conversa.

E para despedida tomo emprestada a ideia de João Ferrão (no artigo da Rev. Finisterra nº 99) onde compara o Gama com um “cometa” mas fixo-me de preferência “na cabeleira” ou “na trança” pelo que se sugere o prolongamento dos seus ensinamentos muito para lá da sua vida.

Também, vocês vão permitir-me um jogo com a mesma palavra, mas em espanhol. A “cometa”, mas em feminino, é o mesmo que “papagaio” em português. Pois bem, lembrem o conto O Mandarin de Eça de Queiroz e a imagem recorrente do mandarim sempre acompanhado pelo seu papagaio com os olhos sempre abertos. Para mim, António é também a cometa (o papagaio) com os olhos escrutadores dum permanente curioso.

Muito obrigado.

Nuno Serra

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
Programa de Doutoramento em Governação, Conhecimento e Inovação,
FEUC e CES
nuno.serra@gmail.com
ORCID: 0000.0002.2832.1709

António Gama: uma suave e discreta revolução pedagógica

Há um risco que corro, conscientemente, nesta sessão de apresentação. É o risco de repetir o sentido de várias passagens sobre o António Gama que encontramos nas páginas deste livro, em sua justíssima homenagem. O que, contudo, creio ao mesmo tempo nos diz também muito sobre as marcas, profundas e luminosas, que ele deixou em tantos de nós.

Quando o Norberto Santos amavelmente me convidou a estar aqui hoje, em nome dos coordenadores deste livro, a quem também agradeço a iniciativa desta evocação, senti o misto de um imenso privilégio e de uma inquietante angústia. A angústia de não saber se conseguiria encontrar as palavras certas para o que vos quero dizer, no meio do turbilhão de pensamentos, emoções e memórias que, desde o final de 2014, me visitam - acreditem - quase diariamente.

Quero por isso pensar que este sentimento, misto de privilégio e responsabilidade, traduz o que acontece quando se trata de tentar dizer alguma coisa, num momento como este, sobre alguém que tanto “determinou”, no melhor dos sentidos - o da abertura do campo de “possibilidades” - a nossa vida e o nosso percurso. E é justamente por essa dificuldade, por esse desafio, que optei por vos ler estas palavras previamente escritas, em vez de participar nesta homenagem de uma forma mais espontânea e menos estruturada.

Espero ter intuído bem, na conversa com o Norberto, de que forma poderia melhor contribuir para esta sessão. Creio que vos quer falar um aluno do António Gama. Um aluno que procurará expressar, o melhor que souber - e com a expectativa de conseguir de algum modo representar muitos outros - a profunda gratidão, estima e admiração pela pessoa e pelo professor que hoje nos reúne aqui a todos, e a cada um à sua maneira, neste anfiteatro.

Vou, portanto, dispensar-me de referir o homem de ciência e o «homem culto, sem fronteiras nem disciplinas», de que fala o José Reis.² Como não podia

² Reis, José (2017). A biblioteca. O território de felicidade de António Gama Mendes. In Cravidão, Fernanda; Cunha, Lúcio; Santana, Paula & Santos, Norberto (org.), *Espaços e Tempos em Geografia. Homenagem a António Gama*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.

deixar de ser, as referências a essas dimensões são diversas e estão ilustradas em muitas páginas deste livro, escrito pela mão de geógrafos, economistas, sociólogos, filósofos, historiadores e antropólogos. Além de que será também nessa linha que se inscrevem, certamente, muitas das palavras que a Fernanda Cravidão e o Julio Castro escolheram para hoje partilhar aqui connosco.

Vou assim tentar deter-me no António Gama professor. Na sua dimensão pedagógica, mesmo sabendo que a mesma é absolutamente indissociável, como é natural, da sua dimensão científica, humanista e cultural.

Creio que se pode dizer que, deste ponto de vista, o Gama nos propunha - mesmo que sem que disso nos apercebêssemos de forma plena, ou que ele mesmo se apercebesse - uma verdadeira revolução pedagógica. Suave e discreta, como ele próprio, mas uma revolução.

A face mais visível dessa proposta era, muito provavelmente, a constante *pedagogia do derrube das muralhas que compartimentam saberes*. O Gama conhecia as fronteiras, claro. Mas sabia melhor ainda o quanto era pedagogicamente fundamental ignorá-las, ou atravessá-las sem grandes cerimónias. É por isso que as suas aulas eram viagens imprevisíveis e fascinantes, sem um mapa que as definisse previamente - ou que permitisse antever o percurso - mas que nem por isso deixava de fixar os pontos que era importante percorrer. Se os diferentes domínios do conhecimento fossem lugares, o António tratava nas suas aulas de os ligar entre si, num fio pleno de exigência e de sentido. Sim, as aulas do Gama não eram aulas fáceis de acompanhar. Eram exigentes, pelos conhecimentos diversos que mobilizavam e pelas conexões que entre eles se estabeleciam. Mas nessa mesma exigência encontravam-se muitas das capacidades intelectuais que é suposto o ensino superior exercitar, desenvolver e consolidar.

Indissociável desta pedagogia existe uma outra: a *pedagogia da integração dos saberes*, que faz redobrado sentido se tivermos em conta que estava em causa lecionar matérias da dita “ciência de charneira”. Trata-se de uma integração com um duplo significado: o da articulação entre os diversos domínios da Geografia (nomeadamente da Geografia Física e da Geografia Humana) e da Geografia com outras ciências e áreas do conhecimento. Ou seja, integração e abertura, como instrumentos de uma verdadeira formação científica e humanística, capaz de apreender a realidade nas suas múltiplas conexões e na sua efetiva complexidade, que apenas a necessária comodidade da fragmentação disciplinar separa.

A facilidade, o deleite e o entusiasmo com que o António Gama se passeava pelos universos do saber - o que por si só já contém um inestimável valor pedagógico - estão bem documentados na sistematização de tudo o que foi escrevendo, registada pelo Rui Jacinto num dos capítulos do livro.³

Uma terceira vertente da revolução pedagógica proposta por António Gama relaciona-se com a *pedagogia da procura e descoberta de novos temas e perspetivas*. Creio que é justo dizer-se que lhe devemos o conhecimento de autores e de teorias que, de outro modo, dificilmente teríamos ouvido falar, pelo menos nessa altura. Para elucidar com os exemplos mais óbvios, refira-se a Geografia do espaço-tempo de Hägerstrand ou os conceitos de espaço vivido, do poder e da sua inscrição no território, ou da produção social do espaço. Descobertas muitas vezes associadas, como lembra Rui Jacinto, à valorização de geógrafos ignorados ou marginalizados pela “Geografia oficial”. Um distender de fronteiras que, mais do que os ampliar, enriquecia os territórios do conhecimento, reforçando o seu pluralismo e a sua diversidade e potenciando as múltiplas interconexões e a discussão.

Mais marcante porventura, ou com uma carga «revolucionária» mais forte, é a *pedagogia do espírito crítico, da construção, da natureza provisória da(s) verdade(s) e da problematização*. Isto é, a permanente vontade «de uma compreensão mais fina das coisas, uma compreensão sempre provisória, inquieta, à procura da mais sólida imaginação», como muito bem sintetizou o José Reis.⁴ Para o António, o conhecimento era intrinsecamente um processo. Um processo crítico, necessariamente feito de debate e de articulações diversas. E sempre epistemologicamente situado e enquadrado. Porque para o Gama a epistemologia era uma ferramenta do pensar. É porventura nesta dimensão, da pedagogia dos processos, da construção⁵ e do espírito crítico, que melhor percebemos que o Gama sabia muito bem o que é essencial que as instituições de ensino superior façam: ensinar a pensar.

³ Jacinto, Rui (2017). O geógrafo e o seu labirinto: António Gama, uma Geografia Vivida. In Cravidão, Fernanda; Cunha, Lúcio; Santana, Paula & Santos, Norberto (org.), *Espaços e Tempos em Geografia. Homenagem a António Gama*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra.

⁴ Reis, José (2015). Território e política do território. A interpretação e a ação. *Finisterra*, L, n.º 100. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. Lisboa.

⁵ Recordo-me, a este propósito, das reservas que o António Gama colocava ao recurso indiscriminado e acrítico às «novas tecnologias da educação», que no final dos anos oitenta começavam a irromper, impantes e sobranceiras, nas salas de aula (os retroprojetores e respetivos acetatos, inicialmente, e os data-show e power point, mais tarde). A perda quase inevitável do «sentido de construção», de progressividade, que um giz e uma ardósia permitem, era uma das desvantagens pedagógicas destes novos recursos, recorrentemente assinalada pelo Gama.

Seguramente por tudo isto também, o António Gama cultivava a *pedagogia do pluralismo metodológico*. Não recusava nenhum método nem nenhuma abordagem, antes preferindo estabelecer as virtua- lidades e limitações de cada um e exercitar a adequada combinação entre aproximações de pendor mais quantitativo com aproximações de pendor qualitativo. Talvez por isso desvalorizasse tanto o descritivismo inconsequente (particularmente propenso numa ciência como a Geografia), como o deslumbramento pueril e absoluto pelo “quantitati- vismo”. Aliás, também aqui a pedagogia do espírito crítico era fundamental, assinalando aquilo que «os números» são intrinsecamente incapazes de alcançar e os enviesamentos que a sua leitura menos atenta pode conter. Ou, do mesmo modo, a irrelevância de abordagens que tentam, a partir de singularidades, estabelecer padrões de representação mais gerais. Em tempos como os que vivemos, que transbordam de *fake news*, esta espécie de crítica metódica e vigilante, de constante questionamento e descon- strução, constituem um legado pedagógico particu- larmente valioso e essencial.⁶

Por último, e definitivamente não menos importante, a *pedagogia da informalidade, do sentido de humor e da proximidade*. Talvez um dia consigamos perceber melhor a importância destas dimensões nos próprios processos de ensino e aprendizagem. Uma autoridade que se reconhece sem se impor. A afabilidade, a simpatia e o riso como estímulos cognitivos. A relação humana, a relação entre pessoas para lá dos estatutos e do «cânone académico». Creio que é exatamente disto que nos fala o João Maria André no seu capítulo do livro, quando refere a “complementaridade entre o conhecimento e a afetividade”, a par da necessidade de superarmos muitos dos dualismos que ainda hoje imperam nos “modelos dominantes na esfera educativa”, e que não são senão outra forma de compartimentar artificialmente o saber e a transmissão do saber.⁷ Como creio que é também disto que nos fala João Ferrão, quando sublinha - a propósito do António Gama - a sua “oralidade de proximidade” e “influência capilar”, numa “partilha serena e horizontal, sem tiques de

autoritarismo professoral ou de superioridade de quem leu mais, de quem sabe mais”.⁸

Entendi que estas notas poderiam ser a melhor forma de tentar contribuir para a sessão de encontro em que tenho o privilégio de participar, este momento de evocação e homenagem ao nosso querido amigo e professor António Gama Mendes. E tendo-me concen- trado na sua vertente pedagógica, importa agora regressar à integração de todas as coisas, como ele tão bem defendia e fazia. Isto é, não dissociar o Gama pedagogo, do Gama cientista social, nem da pessoa profundamente bondosa e extraordinária que ele era.

Fernanda Cravidão

Departamento de Geografia e Turismo. Faculdade de Letras. Universida- de de Coimbra.
cravidão@fl.uc.pt
ORCID: 0000-0002-4993-1864

Exmº Senhor Diretor da Faculdade de Letras
Prof. Doutor José Pedro Paiva

Exmº Senhor Diretor da Imprensa da Universi- dade Prof. Doutor Delfim Leão

Exmº Senhor Diretor do Departamento de Geografia e Turismo Prof. Doutor Norberto Santos

Estimados familiares do António Gama: o Luís, o Zé, o Rui e o Paulo.

Prezados Colegas, Amigos e Amigas
Senhoras e Senhores.

Cruzámo-nos, pela primeira vez, em Maio de 1969. O António Gama era nessa altura aluno de Geografia na Faculdade de Letras e eu terminava o 7º ano no Liceu Infanta Dona Maria. Reencontrámo- nos em Outubro. Nas mesmas salas. Nas mesmas bibliotecas. Nas viagens de estudo, sobretudo, organi- zadas pela Geologia. Nas Assembleias Magnas no Gil Vicente. Algumas vezes, nas quintas-feiras clássicas, no Teatro Avenida. Durante estes anos conversámos muito. Sobre tudo e às vezes sobre nada. Partilhámos muitas cumplicidades. Pessoais. Políticas. Académicas. Conversámos pela última vez em 29 de Dezembro de 2014.

A nossa amizade transformou-se numa ligação que se alargou para a esfera familiar, onde se consoli- dou sobretudo através da fotografia, uma ponte que ligou diferentes margens.

Durante os mais de 47 anos que convivemos, o António Gama teve sempre a capacidade de nos (me) surpreender. Pela sua permanente inquietude cívica.

⁶ A avaliação era um dos domínios em que este pluralismo metodológico era levado à prática. E, nesse campo, de uma forma absolutamente revolucionária, pelo menos na altura, com a realização de provas com consulta, que duravam várias horas e que asseguravam que os próprios momentos avaliativos eram momentos para relacionar, integrar conhe- cimentos e aprender.

⁷ André, João Maria (2017). Conhecimento, afetividade e cuidado nos processos educativos em sociedades multiculturais. In Cravidão, Fernan- da; Cunha, Lúcio; Santana, Paula & Santos, Norberto (org.), *Espaços e Tempos em Geografia. Homenagem a António Gama*. Imprensa da Uni- versidade de Coimbra. Coimbra.

⁸ Ferrão, João (2015). António Gama: um geógrafo peculiar. *Finisterra*, n.º 99. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. Lisboa.

Pelo sentido de liberdade que cultivou até ao fim. Pela sua ética intelectual. Por saber dizer não quando estava convicto que era esse o percurso certo. Por se emocionar sem preconceitos. Pela sua generosidade sem limites.

A relação com os alunos foi, ao longo da sua carreira, o melhor testemunho da sua disponibilidade permanente. Que continuava nos corredores, no gabinete, nas viagens de estudo. Nos livros que emprestava e que não tinham retorno. Nos materiais que a todos cedia sem nunca questionar quando voltavam. Tinha sempre uma cópia. De muitas talvez. De modo breve, deixo um testemunho dessa generosidade que sempre o acompanhou.

Guardo os dossiês que me deu, quando, após a sua saída da Faculdade, passei a ser docente da disciplina que marcou gerações sucessivas de alunos que davam os primeiros passos pela Geografia: Teoria e Metodologia da Geografia. Infelizmente retirada da estrutura curricular do curso de Geografia. Dominam textos de geógrafos, sociólogos, antropólogos e economistas. Quase todos comentados. Notas pessoais e reflexões que em muito os valorizam. São textos que durante anos repartiu com muitos de nós. A preto e branco. Simples. Comentados quase sempre a lápis como se nada que escrevesse fosse definitivo. A sua generosidade está toda ali. Por vezes passava a ideia que o António Gama era um Docente um pouco desorganizado, julgo que fruto das muitas leituras de toda a sua vida e de ter com o tempo uma relação incomum. Ora fugaz, ora demorada. Na verdade raramente terá sido assim. Tinha, tenho eu agora, as aulas meticulosamente organizadas. Cada aula com o respetivo sumário, as referências bibliográficas e as cópias dos textos de apoio. Quase sempre anotadas. Para cada aula um dossiê, protegido por papel costaneira. Tudo datado, numerado e disponível no gabinete de fotocópias para os alunos.

Nesta viagem, que persistiu mais de 45 anos, fizemos muitos percursos juntos. Com colegas. Com alunos. Com amigos. Percorremos o país. Este país que o António Gama conhecia como ninguém. Caminhámos pela(s) cidade(s) vezes sem conta. Esta, que melhor que todos, mostrava a todos.

No início dos anos oitenta percorremos a então República Socialista da Jugoslávia. O conhecimento que tinha sobre o *carso*, rapidamente se transpôs para o livro que se abria do outro lado da janela do autocarro. A alegria que colocava nas palavras, a capacidade de despertar o interesse para companheiros de viagem onde os geógrafos eram um pequeno número, mostravam que a sua relação com a história, com a sociologia, a economia, a geologia, era suficien-

temente consolidada para continuar, com entusiasmo, a olhar a geografia na sua dimensão integradora, interdisciplinar, a única forma de interpretar os territórios.

Julgo que foi Yves Lacoste que escreveu que a Geografia tem uma face oculta. A política. Aliás, sempre entendi que uma das razões da paixão do António Gama era essa face oculta, isto é, a ligação permanente entre a Geografia, o Território e o Poder, onde a questão da água era central enquanto elemento geoestratégico.

Recordo o seu entusiasmo quando, em 1976, me mostrou os dois primeiros números da Revista Herodote, fundada nesse ano por Yves Lacoste e que tinha como subtítulo *estratégias, geografias, ideologias*. E em cujo grupo de discussão estavam, entre outros, Michel Rocheford, Jean Tricart, Milton Santos, Bernard Kayser ou Jean-Bernard Racine. Os temas fundamentais destes dois primeiros números, como de todos os outros que se seguiram, discutiam, a partir de diferentes olhares, as relações entre o poder e os territórios. Isto é, as questões de geopolítica que estiveram sempre na primeira linha dos interesses do António Gama.

Era um compulsivo frequentador de livrarias e de “velhos” livreiros. Entrar era um ritual obrigatório. Conhecia a Geografia destes espaços, e sabia exatamente como tudo estava organizado. Aqui encontrava sempre mais uma edição de uma obra de que já tinha dois ou três exemplares “é para dar ou emprestar”.

António Gama foi um geógrafo incomum. Pela inquietude cívica. Pelo seu sentido de liberdade. Pela sua cultura invulgar. Pela constante disponibilidade. Profundo conhecedor do país que nunca se inibiu de mostrar aos outros e pela sua profunda paixão pelos livros. A melhor homenagem que lhe podemos fazer é com a publicação de um livro onde estão testemunhos de Colegas, ex-alunos, companheiros de várias viagens. Amigos.

Trata-se de uma obra organizada pelo Departamento de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo como responsáveis Lúcio Cunha, Ana Paula Santana, Norberto Santos e eu própria.

Espaços e Tempos em Geografia foi o tema aglutinador para os 43 textos que compõem o livro. O António Gama investigou, refletiu, desenhou, problematizou, como nenhum outro geógrafo português as relações entre o(s) tempo(s) e o modo como os territórios, sobretudo societais, retratam esses diferentes usos temporais. Dos tempos de trabalho aos tempos de lazer, dos espaços do quotidiana

no aos espaços de fronteira - no sentido literal e no sentido simbólico. Da geografia histórica à importância da intervenção cívica. São 43 textos produzidos por amigos/as de formação académica muito diversa e que por isso também o significam, e de algum modo vão ao encontro da sua própria forma de interpretar a ciência, e a geográfica em particular: holística, aplicada e sobretudo com liberdade.

A partida precoce de António Gama deixou connosco muitos dos livros que não lhe devolvemos. As indicações de leitura nunca esgotadas. A sugestão de ir onde ainda não fomos. As inquietudes do seu espírito inquieto. E a saudade que o tempo se encarregará de serenar.

Coimbra, 28 Fevereiro 2018

